

As Práticas Pedagógicas na Perspectiva da Alfabetização e Letramento

Pedagogical Practices from the Perspective of Literacy

Rute Fernandes de Oliveira^a; Esleine Cristina dos Santos Cardoso Lima^a; Edemar Souza Monteiro^{*a}

^aUniversidade de Cuiabá, Programa de Pós-Graduação em Ensino. MT, Brasil.

*E-mail: edemar.monteiro@kroton.com.br

Resumo

Este estudo propõe um diálogo sobre docentes que atendem crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental e desenvolvem suas práticas na perspectiva do letramento. O objetivo deste estudo foi conhecer as práticas de alfabetização e letramento de professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O problema que direcionou o estudo foi: como ocorrem as práticas pedagógicas de professores alfabetizadores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental? A abordagem metodológica foi qualitativa de natureza básica e para a coleta dos dados utilizou-se a entrevista semiestruturada. Os participantes foram seis professores alfabetizadores que atuam em escola pública. Os resultados revelaram que as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento disponibilizadas para atendimento aos estudantes, inseridos nos anos finais do Ensino Fundamental, ainda enfrentam desafios que precisam ser superados pelo docente. Entre os desafios, os que destacaram foram a necessidade de formação teórica e a relação teoria/prática específica para a busca de conhecimentos sobre conceitos e teorias por parte de alguns professores, pois nem todos têm a clareza e consciência do seu papel enquanto mediadores do conhecimento. Assim, cabe aos professores a manutenção de capacitação profissional atualizada, via cursos e treinamentos, para assegurar a qualidade, o aprimoramento e o desenvolvimento de novas habilidades que inclui a alfabetização e o letramento dentro das salas de aula e suas adaptações pensando na individualidade dos alunos. Com isso, a pesquisa ressaltou a necessidade de manutenção de investimento voltado para a capacitação na área específica da alfabetização e do letramento.

Palavras-chave: Práticas de Alfabetização e Letramento. Ensino Fundamental. Ensino-Aprendizagem. Pesquisa.

Abstract

This study proposes a dialogue about teachers who serve children in the early years of elementary school and develop their practices from a literacy perspective. The objective of this study was to understand the literacy practices of teachers who work in the early years of elementary school. The problem that guided the study was: how do the pedagogical practices of literacy teachers who work in the early years of elementary school occur? The methodological approach was basic qualitative in nature and semi-structured interviews were used to collect data. The participants were 06 literacy teachers who work in public schools. The results revealed that the literacy and literacy pedagogical practices available to serve students in the final years of elementary school still face challenges that need to be overcome by the teacher. Among the challenges, those that were highlighted were the need for theoretical training and the specific theory/practice relationship for the search for knowledge about concepts and theories by some teachers, as not everyone is clear and aware of their role as mediators of knowledge. Therefore, it is up to teachers to keep professional training up to date, through courses and training, to ensure quality, improvement and development of new skills that include literacy within the classroom and its adaptations considering the students' individuality. As a result, the research highlighted the need to maintain investment aimed at training in the specific area of literacy.

Keywords: Literacy and Literacy Practices. Elementary School. Teaching-Learning. Search.

1 Introdução

Este estudo propõe uma reflexão teórica que se manifestou no espaço profissional a partir de vivências com a prática pedagógica e o processo de alfabetização. É relevante a manutenção de debates científicos referentes ao processo de alfabetização/práticas pedagógicas, uma vez que a alfabetização propõe uma educação construtiva e resulta no desenvolvimento da leitura, escrita, comunicação, ideias e pensamentos, itens primordiais para o desenvolvimento humano e social do sujeito.

O eixo norteador deste estudo perpassa as práticas pedagógicas de professores alfabetizadores e suas nuances no que compreende as práticas de alfabetização e letramento

de professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O problema que direcionou este estudo foi: como ocorrem as práticas pedagógicas de professores alfabetizadores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental? E o objetivo foi conhecer as práticas de alfabetização e letramento de professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A contextualização do objeto de estudo perpassa o processo de alfabetização que se constitui como uma das etapas mais relevantes da vida escolar dos estudantes, pois a leitura e a escrita oportunizam a aquisição de novas aprendizagens e conexão com o Mundo. No entanto, na sociedade contemporânea, ser somente alfabetizado não é o

suficiente para atender às demandas sociais. É nesse sentido que as práticas pedagógicas atuais devem ser voltadas para uma alfabetização associada ao letramento, no qual o professor deve proporcionar aos estudantes um contato íntimo com os diversos gêneros textuais que circulam dentro e fora da escola, para que estes se apropriem da lectoescrita de modo a se tornarem alfabetizados e letrados (Oliveira, 2021).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define que é no início do Ensino Fundamental que as práticas e as ações pedagógicas devem focar no processo da alfabetização, no sentido de assegurar que os alunos desfrutem da oportunidade efetiva de se apropriarem do sistema de escrita alfabética de modo articulado e em consonância com o desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita (Brasil, 2018).

O Ensino Fundamental passou por algumas transformações importantes nas últimas décadas, entre essas a ampliação de oito para nove anos de duração desta etapa escolar com vistas a assegurar maior tempo de convívio nessa fase do ensino, garantindo assim melhores possibilidades de aprendizagem. Logo, promove o ingresso de crianças de seis anos nessa etapa do ensino. Esse ingresso traz consigo alguns desafios tais como uma transição acolhedora entre Educação Infantil e o Ensino Fundamental, a construção de currículo adequado, conteúdos e práticas que assegurem a efetividade dos saberes necessários para essa fase e as fases subsequentes e, também, uma base bem consolidada na última etapa da Educação Infantil (Brasil, 2018).

Essa nova dinâmica fomentou uma ênfase no processo de alfabetização consistente e na idade correta. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define que é no início do Ensino Fundamental, nos dois primeiros anos, que as práticas e as ações pedagógicas devem focar no processo da alfabetização, no sentido de assegurar que os alunos desfrutem da oportunidade efetiva de se apropriarem do sistema de escrita alfabética de modo articulado e em consonância com o desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita (Brasil, 2018).

Nesse sentido, há de se valorizar a ludicidade na aprendizagem, articulando-a às experiências vivenciadas nos anos iniciais de escolarização, intencionando que tais vivências fundamentem a construção de um percurso escolar agradável.

Livio (2023) destaca a importância da leitura na alfabetização e letramento como elemento fundamental para a aprendizagem inicial da criança facilitando o desenvolvimento de suas habilidades através de atividades lúdicas o que estabelecerá em sua percepção a concepção de uma aprendizagem dinâmica e atraente por meio daquilo que lhe é inerente: o brincar. Todavia práticas pedagógicas lúdicas não precisam se restringir apenas a primeira etapa da Educação Básica. É desejável que o aspecto lúdico seja empregado também no Ensino Fundamental.

Para Morais e Silva (2023), a escrita precisa estar nas brincadeiras das crianças, não para brincarem de escrever, ou utilizar a escrita de maneira lúdica, mas por que “na brincadeira de papéis sociais a relação das crianças com o

objeto escrita se modifica”, e elas a significam em consonância com o papel que assumem, o que lhes possibilita separar o aspecto semântico do material. As autoras explicam ainda que as atividades lúdicas fomentam a experiência integral do momento associando ato, pensamento e sentido. Tal atividade pode ser um jogo, uma brincadeira, ou qualquer outra atividade que tenha por objetivo oportunizar a interação prazerosa. Sendo assim, é coerente pensar que todas as fases da vida humana podem se favorecer da ludicidade aplicada nos mais variados contextos sociais.

Ao se pensar no processo de aquisição da escrita e da leitura, é plausível afirmar que o mesmo ocorre de maneira multifatorial, a depender de cada criança e sua realidade. Cabe então ao professor na função de facilitador deste processo, lançar mão de estratégias para conhecer como ocorre a aprendizagem de seus educandos e a partir de então selecionar a metodologia mais eficaz para turma (Maluf, 2009).

Nesta perspectiva, Soares (2020) pontua que é necessário que o professor alfabetizador conheça em que fase do processo cada criança está para que assim, trabalhe com vistas ao avanço de todos. O papel do alfabetizador é de suma importância, visto que é ele o profissional que atenderá essa criança que está adquirindo e construindo a estruturação do sistema alfabético em um contato direto e cotidiano. Tal função traz consigo a grande responsabilidade de bem cumprila a considerar o impacto da aquisição dessa habilidade, ou falta dessa, em toda vida escolar e social.

O professor deve se mostrar interessado em respeitar os conhecimentos prévios, bem como ritmo do grupo, e discutir em sala juntamente com eles para formar uma opinião sobre os tipos de textos que poderiam ser apresentados, sem menosprezar os veículos de comunicação que trazem prazer, já que é através do público leitor que aumenta a possibilidade de transformação para uma sociedade mais leitora, crítica e democrática.

Para Marchesoni e Shimazaki (2021), o letramento investiga quem é alfabetizado e quem não é, caracterizando-o como social. O educando, ao ser alfabetizado na escola, apresenta um nível de letramento social anterior, mesmo que em nível inferior. Se pensar que o letramento não está necessariamente relacionado com as práticas escolares, evidencia-se que as crianças na idade pré-escolar, mesmo sem serem alfabetizadas, já apresentam processos de letramento. Dessa forma, independentemente do nível de alfabetização do sujeito, ele já adquiriu diversos processos de letramento presentes em seu cotidiano.

De acordo ainda com Marchesoni e Shimazaki (2021), a alfabetização consiste na ação de alfabetizar, ensinando crianças, jovens e adultos como ler e escrever. E tal conceito se, observado pelo ponto de vista do aprendiz, representa o processo de ser alfabetizado, de ser instruído a ler e escrever.

Além da alfabetização, outras disciplinas, tais quais as ciências físicas, a história e a literatura, têm também um conteúdo que ele denomina ser a língua escrita. Nessa perspectiva, espera-se que ao adquirir o conhecimento entre a escrita e a oralidade, o aprendiz seja capaz de ler.

Oliveira (2021) aponta que a língua escrita não é um artigo escolar, mas sim um objeto cultural, produzido do esforço coletivo da humanidade. Sob essa perspectiva, além de um conteúdo se constitui também como patrimônio humano de valor inestimável no estabelecimento das relações interpessoais.

Os estudos de Soares (2020) apontam que se faz necessário oportunizar, desde cedo, ainda nos primeiros anos do Ensino Fundamental, uma prática pedagógica desenvolvida em uma perspectiva de alfabetizar letrando. Essa prática permite a ampliação de conhecimentos para além dos muros da escola e contribui para que os estudantes se tornem capazes de interpretar, compreender, formar e expressar opinião crítica e reflexiva diante dos contextos que lhes são apresentados.

É possível compreender a alfabetização como o aprendizado do alfabeto e sua utilização como código de comunicação. Aprender o sistema de escrita presume a compreensão do princípio alfabético, condição essa imprescindível ao domínio da leitura e escrita.

Este estudo que tem como objetivo conhecer as práticas de alfabetização e letramento de professores, que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, traz no seu bojo diálogos com teóricos que discutem e pesquisam sobre a importância de alfabetizar letrando. Destarte, apresenta-se aqui neste texto discussões com diversos teóricos, inclusive Magda Soares (2020) que ressalta que letramento prevê o domínio das competências referentes à leitura e escrita para além da capacidade prática e mecânica do conhecimento básico do processo da leitura e da escrita.

2 Material e Métodos

A abordagem metodológica deste estudo foi qualitativa, de natureza básica, caráter exploratório e para a coleta dos dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada. As análises seguiram os preceitos de Bardin (2016), que aborda a organização das falas dos participantes em categorias.

Bardin (2016, p. 71) especifica a técnica de organização das falas dos participantes explicando que:

A análise de conteúdo desenvolve-se em três fases. A primeira é a pré-análise, onde se procede à escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e à preparação do material para análise. A segunda é a exploração do material, que envolve a escolha das unidades, a enumeração e a classificação. A terceira etapa, por fim, é constituída pelo tratamento, inferência e interpretação dos dados.

Ainda, sobre análise de conteúdo, Gil (2017, p. 89) explica que:

O grande volume de material produzido pelos meios de comunicação e a necessidade de interpretá-lo determinou o aparecimento da análise de conteúdo. Essa técnica possibilita a descrição do conteúdo manifesto e latente das comunicações. Pode ser utilizada, por exemplo, para examinar a ideologia política implícita nas notícias de jornal ou o preconceito de raça e de gênero subjacente aos textos escolares.

A motivação para a escolha da escola definida como lócus da pesquisa ocorreu porque existia, naquele momento um quantitativo significativo de crianças dos anos iniciais do

Ensino Fundamental que ainda apresentavam dificuldade em relação às habilidades para a leitura e a escrita.

Os participantes foram seis professores alfabetizadores que atuam em escola pública municipal.

A construção do objeto de estudo e do aporte teórico deste artigo foi produzido em reunião de estudo que discutem assuntos afins voltados para a construção do conhecimento referente à formação e prática docente, alfabetização e letramento, entre outros (mestrandos calouros e veteranos).

A pesquisa que resultou neste artigo foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer nº. 5.677.445. O aporte teórico para a metodologia – abordagem qualitativa, contou com Gil (2017) e Minayo (2018).

Sobre as entrevistas semiestruturadas, estas foram organizadas a partir de questionamentos que foram gravados. Foram dois eixos definidos para as análises. Os participantes foram entrevistados individualmente, pré-agendadas e todos foram assegurados pelo sigilo. Os participantes foram nomeados: Profa. 1; Profa. 2; Profa. 3; Profa. 4; Profa. 5; Profa. 6. A entrevista foi programada de acordo com a disponibilidade dos participantes, foi coordenada pela orientadora da pesquisa e realizada pelos mestrandos.

As categorias de análises, à luz de Bardin (2016), foram organizadas da seguinte forma:

Categoria 1 – As práticas de alfabetização e letramento utilizados pelo professor;

Categoria 2 - Fatores que interferem no processo de alfabetização e letramento dos estudantes.

3 Resultados e Discussão

A partir da organização das categorias, foi possível analisar as falas dos participantes, os participantes relataram que:

3.1 Categoria 1 - As práticas de alfabetização e letramento utilizados pelo professor

A Profa. 1 relatou que ainda não sabe utilizar um método que possa atender a dificuldade daqueles alunos que não acompanham a maioria da classe. “[...] eu ainda não sei alfabetizar da maneira que tem que ser alfabetizado, como ele precisa porque você acaba não entendendo aquele processo que ele está. Então, uns avançam rapidinho, fazem aquela atividade simples rapidinho, outros demoram porque não conseguem ler”. (Profa. 1)

A profa. 2 relatou que o curso de formação universitária não ofereceu subsídio para alfabetizar. “[...] a gente sabe que é uma necessidade, que é uma realidade que se faz presente no nosso dia, porém, quando eu me formei, assim, eu não tinha essa ideia de que eu teria que alfabetizar crianças no final do Fundamental”. (Profa. 2)

A profa. 3 expôs que trabalha com materiais e atividades diferenciadas e acrescenta que o letramento é trabalhado através das discussões do conhecimento.

[...] na alfabetização você trabalha mais a questão do diálogo porque a gente alfabetiza dialogando com tudo aquilo que ele conhece. O conhecimento que ele já traz, o que ele conhece e o que ele precisa. Através, da alfabetização, do conhecimento

que eles já têm, para ele poder colocar no papel aquilo que ele realmente sabe ou aquilo que ele precisa aprender. (Profa. 3).

A Profa. 4 explica que trabalhar alfabetização é criar, utilizar recortes, diversos gêneros, quis. “Eu uso muito Quiz, que eles amam, que é o quiz on-line que tem de todas as fases do ciclo, tem jogos, didático e paradidático também, muito interessante e aí tem todos os livros e, ainda, por exemplo, estou em uma mesma turma com o mesmo grau de dificuldade, porém cada um tem um grau diferente mesmo estando na mesma turma. Então, eu consigo, pego o notebook dali, pego meu, aí eu coloco um jogo de um nível para um, um jogo de outro nível para o outro. E a escola forneceu bastante jogo pedagógico”. (Profa. 4)

A Profa. 5 explica que gosta de alfabetizar com a consciência fonológica e junto com isso ela traz temas que as crianças vivenciam, por exemplo: o ônibus, a escola, a casa, rótulos e assim por diante.

[...] e com isso, eles ficam mais familiarizados com as letras e por determinadas coisas fazerem parte do seu cotidiano, acaba facilitando a compreensão. (Profa. 5).

E, por último, a Profa. 6 expõe que inicia o processo de alfabetização do básico, com atividades:

com objetos para eles manusearem, letras, com jogos onde eles possam pegar, sentir, ver, buscar o que foi perdido lá atrás ou que, às vezes, não foi trabalhado ou foi trabalhado e ele mesmo não conseguiu entender na faixa etária que era para ter aprendido. (Profa. 6).

Partindo dessa exposição se pode perceber que a Profa. 1 e a Profa. 2 expressaram suas dificuldades e desafios para trabalhar a alfabetização. Porém, tem consciência que deveria preparar atividades diferenciadas de acordo com seu grau de dificuldade de cada aluno. E por fim, tanto a profa. 1 quanto a Profa. 2 declaram que não sabem alfabetizar, pois não compreendem o processo. Nesse aspecto, Nóvoa, (2022, p. 4) chama a atenção para autorreflexão sobre as práticas:

[...] uma formação docente - inicial ou continuada - que não oportunize o acesso aos fazeres e saberes específicos da profissão poderá estar comprometida com o fracasso em formar professores empenhados no trabalho em equipe e na reflexão conjunta. Um dos caminhos que defende é o de repensar os cursos de formação inicial e continuada, garantindo aos profissionais uma maior aproximação supervisionada no ambiente escolar, [...] como a necessidade de uma experiência semelhante à residência médica. (Nóvoa, 2022, p. 4).

No pensamento do autor, a formação docente se constitui ao longo das experiências vivenciadas, de modo que as reflexões contribuem para a busca do conhecimento e aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, visto que no curso de formação universitária, geralmente, não se oportuniza conhecimento suficiente para a amplitude das necessidades encontradas diante da diversidade de uma sala de aula, conforme foi destacado pela professora Violeta ao dizer que na formação acadêmica, no curso de Letras, não recebeu formação específica para o desenvolvimento de uma prática alfabetizadora, visto que sua habilitação é para trabalhar no atendimento de estudantes a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, que teoricamente, já

estariam alfabetizados (Nóvoa, 2022).

Por outro lado, a Profa. 3 explica que sua prática é planejada de acordo com o nível de dificuldade ou de aprendizagem dos estudantes, a partir disso, procura trabalhar com materiais e atividades diferenciadas, buscando alfabetizar a partir de uma perspectiva dialógica, oportunizando momentos para reflexões sobre os conhecimentos a partir do cotidiano dos estudantes, utilizando da ludicidade como forma de potencializar a aprendizagem, demonstrando uma prática de atuação, conforme Soares (2020) denomina de “alfalettrar”.

Corroborando essa ideia, a profa. 4 pontua que, em sua prática, busca sempre sair do tradicional priorizando o tempo e a qualidade das aulas. Para tanto, costuma fazer uso de Quiz contendo jogos didáticos e paradidáticos.

Já a Profa. 5 revelou seu prazer em trabalhar a alfabetização a partir da consciência fonológica e procura desenvolver uma prática partindo da realidade e vivência dos estudantes, de modo que os conhecimentos trabalhados tenham sentido e significado, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem (Oliveira, 2021).

E por fim, a Profa. 6 procura desenvolver uma prática partindo do básico, trabalhando com atividades iniciais, utiliza instrumentos pedagógicos e materiais concretos permitindo o manuseio. De acordo com Soares (2020) e Colello (2024), a prática de alfabetização contemporânea não pode ser desvinculada do letramento, caso contrário, tal prática irá contribuir para a formação de estudantes meramente alfabetizados e que, na prática, não contribui para a formação de cidadãos críticos e participativos atuantes na sociedade.

Aqui é apresentada a categoria 2 que dispõe sobre a percepção dos professores em relação aos fatores que interferem no processo de alfabetização e letramento dos estudantes.

3.2 Categoria 2 - Fatores que interferem no processo de alfabetização e letramento dos estudantes

A Profa. 1 relata que um fator que tem sobressaído está relacionado a algum tipo de atraso, algum déficit que inclui psicológico e até psiquiátrico e, “dependendo da condição do aluno que frequenta o 6º ano, que não sabe juntar, formar uma sílaba, já podemos perceber que ele tem um déficit não só na alfabetização ou ao ensino do professor. E, nesse caso, é necessário encaminhá-la para um atendimento especializado. A partir daí é que se pode ver a forma de trabalhar esse aluno” (Profa. 1).

A Profa. 2 explica que existem vários fatores e um desses é “o fato do ciclo que não reprova o aluno, ele vai para a frente na situação do PPAP (Progressão Parcial com Apoio Pedagógico). No entanto, que nem sempre o apoio acontece, não vou dizer que sempre a falha seja da escola, mas às vezes da família, eu acho que dos dois, porque de alguma forma essa criança teria que ser obrigada a vir, não sei de que forma, teria que fazer funcionar esse apoio com esses alunos”.

A Profa. 3 aponta a família do aluno como principal fator. De acordo com sua fala: “as famílias que acompanham os filhos e que têm uma condição social, não digo excelente, mas

que são favoráveis, a gente percebe que esses alunos vêm com mais tranquilidade para escola, vem com a tarefa feita, vem alimentado, higienizado, com o material organizado. Percebe-se que esses alunos têm um melhor rendimento.

Profa. 4 percebe a defasagem como fator e aponta a família como culpada. Para ela, o aluno que não tem acompanhamento da família, com certeza reflete na vida escolar do filho. Pais que não participam de reunião, não comparecem na entrega das notas desestimulam o aluno.

A Profa. 5 explica que um dos fatores da defasagem se refere “a algum transtorno social, psicológico como dislexia, discalculia, TDAH, entre outros é muito comum encontrar e atrapalhar o aprendizado do aluno. Esses alunos precisam ser acompanhados por especialistas e, em alguns casos, os pais não se comprometem. Aconteceram alguns casos na sala de aula e, os pais que se comprometeram foi percebido avanço no aprendizado do aluno”.

A Profa. 6 aponta a escola ciclada como fator “responsável pela defasagem porque não reprova. O aluno vai sendo encaminhado para frente sem precisar aprender. Outro fator é a estrutura familiar. Os pais não ajudam nos deveres e não comparecem na escola pra saber como está o aprendizado do filho”.

Quanto aos fatores que interferem no processo de alfabetização e letramento dos estudantes, a Profa. 1 cita que a maioria dos casos são relacionados à medicina, incluindo problemas psicológicos e até mesmo psiquiátricos e, em alguns casos, tais dificuldades não estão relacionadas as práticas pedagógicas do professor.

Sobre resultados não alcançados pelo aluno sob alegação de algum transtorno sem ao menos um diagnóstico, Mol e Wechsler (2008, p. 392) expõem que

esses alunos, na maioria das vezes, são tratados pelos professores na escola de forma preconceituosa e são discriminadas, sem que se investiguem suas reais habilidades e potencialidades.

Por outro lado, as Profas. 2, 4 e 6 percebem as causas da defasagem de conhecimento dos estudantes como multifatoriais. Elas acreditam que a proposta de ensino por Ciclo de Formação Humana (Escola Ciclada), independentemente de sua aprendizagem, contribui para a desmotivação que, por não haver retenção ao final do ano letivo, não precisam se esforçar para serem aprovados, pois ainda não adquiriram a consciência de que devem estudar para construir o próprio conhecimento.

Os fatores sociais, segundo as Profas. 2, 3, 4, 5 e 6, comprometem a aprendizagem dos estudantes, assim também como a ausência da família na participação da vida escolar dos filhos, pois todas elas foram unânimes ao afirmarem que os estudantes, os quais as famílias acompanham a vida escolar dos filhos, esses apresentam melhores desempenhos e mesmo que venham a apresentar alguma dificuldade, conseguem se superar por receber o suporte e apoio familiar.

4 Conclusão

Este estudo partiu das percepções de professores que desenvolvem suas práticas de alfabetização e letramento e

atendem alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública. Com a proposta de conhecer as práticas de alfabetização e letramento de professores, que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o estudo se utilizou metodologicamente de Minayo (2018) e Gil (2017) – pesquisa qualitativa. Para o tratamento das análises, ancorou-se em Bardin (2016) – Análises de Conteúdo. As falas dos participantes foram organizadas em categorias para as devidas análises.

Os pontos de análises aqui destacados perpassam as práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas pelo professor durante sua prática, discorrido e analisados na categoria 1 e os fatores que interferem no processo de alfabetização e letramento dos estudantes trabalhados da mesma forma, na categoria 2.

A partir das falas dos participantes, foi possível perceber que os professores experimentam desafios que precisam ser superados no decorrer de suas práticas. Entre os desafios, os que destacaram foram a necessidade de formação teórica e a relação teoria/prática específica para a busca de conhecimentos sobre alguns conceitos e teorias por parte de algumas docentes, pois nem todos têm a clareza e consciência do seu papel enquanto mediadores do conhecimento.

Quanto aos fatores que interferem no desenvolvimento da prática, foi possível perceber que entre os participantes da pesquisa, existem aqueles que ainda não têm familiaridade com metodologias e estratégias de ensino que possibilitem a alfabetização em uma perspectiva de letramento, por meio de práticas reais de leitura e escrita e, busca subterfúgios para justificar o quadro em que a classe se encontra.

Para uma tomada de consciência por parte desses docentes, é preciso levar em conta as emoções, a comunicação, as interações sociais e o ambiente físico. Perceber as diferenças individuais para enriquecer a aprendizagem e incentivar a exploração, a experimentação e a descoberta mediante atividades que cancelam a auto-organização e o desenvolvimento de habilidades dos alunos.

Portanto, cabe aos professores a manutenção da capacitação profissional atualizada, via cursos e treinamentos, para assegurar a qualidade, o aprimoramento e o desenvolvimento de novas habilidades que inclui a alfabetização e o letramento dentro das salas de aula e suas adaptações pensando na individualidade dos alunos.

Referências

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- COLELLO, S. M. G. Alfabetização: embates entre o construtivismo e o método fônico. *Rev. Int. d'Humanitats*, n. 62, p. 1-18, 2024.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2017.
- LIVIO, P. C. T. A importância da leitura na alfabetização e letramento. *Rev. Cient. Multidisc. Núcleo Conhec.*, v. 5, p.

44-153, 2023.

MORAIS, A. G.; SILVA, A. Alfabetização e letramento na educação infantil: o legado de Magda Soares. *Rev. Bras. Alfabet.*, p.2-23, 2023.

MARCHESONI, L. B.; SHIMAZAKI, E. M. Alfabetização e letramento: explorando conceitos. *Educ.: Teoria Prática*, v. 31, n. 64, 2021. doi: <http://dx.doi.org/10.18675/1981-8106.v31.n.64.s14368>.

MINAYO, M. C. S.; GOMES, R.; DESLANDES, S. F.

Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2018.

NÓVOA, A. Os professores e sua formação profissional: Entrevista com Nóvoa. *Portal Scielo Brasil*. 2022.

OLIVEIRA, L. S. F. Psicogênese da língua escrita, alfabetização e letramento: estudos e conceitos. *Rev. Cient. Novas Configur. Dialog. Plur.*, v. 2, n. 3, p. 151-177, 2021.

SOARES, M. *Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.